



A ESTRELA

H.G. WELLS

**Tradução e edição
CIDICLEI MEDEIROS**

Esta obra é de acesso livre para fins educacionais.

É permitida a impressão, cópia e distribuição gratuita deste livro para uso didático, pedagógico e não comercial, desde que mantidos os créditos do autor e a integridade do conteúdo.

É proibida a venda, alteração do conteúdo ou uso comercial sem autorização prévia e expressa do titular dos direitos.

Título: A Estrela

Responsável pela tradução e edição: Cidiclei da Silva Medeiros

1ª edição – 2026

Salvador – BA – Brasil

Publicação independente

<https://www.imagismo.com.br/inicio>



A Estrela

H.G. Wells

Texto Original: [Project Gutenberg](#)

Língua Original: Inglês (1897)

Suporte tecnológico de IA na tradução: Gemini (Google)

Tradução, edição, revisão e adaptação literária: Prof. Cidiclei Medeiros



H. G. Wells (1866–1946) foi um prolífico escritor britânico, amplamente consagrado como o "pai da ficção científica" ao lado de Júlio Verne. Com sólida formação em biologia, o autor revolucionou a literatura ocidental por meio de clássicos incontornáveis como *A Máquina do Tempo* (1895), *O Homem Invisível* (1897) e *A Guerra dos Mundos* (1898). Suas narrativas não se limitavam a explorar os avanços científicos da época; funcionavam, primordialmente, como profundas críticas sociais e políticas sobre o imperialismo e a divisão de classes. Além da ficção, Wells dedicou-se a ensaios históricos e obras de teor utópico, como firme defensor dos direitos humanos e de ideais humanitários globais. Sua imaginação visionária antecipou inovações tecnológicas e dilemas éticos que preservam a vitalidade e a relevância de sua obra para a compreensão do mundo moderno.

A Estrela

No primeiro dia do ano novo, três observatórios anunciaram, quase ao mesmo tempo, que o movimento do planeta Netuno, o mais remoto de todos os corpos que orbitam o Sol, se tornara bastante errático. Já em dezembro, Ogilvy chamara a atenção para uma suspeita de redução em sua velocidade. Uma notícia como essa dificilmente despertaria o interesse de um mundo onde a maior parte dos habitantes ignorava a própria existência de Netuno; e, fora do círculo da astronomia, a descoberta subsequente de um tênue e remoto ponto de luz na região do planeta perturbado não causou grande entusiasmo. Os cientistas, no entanto, consideraram a informação extraordinária, mesmo antes de se notar que o novo corpo crescia e brilhava com rapidez, que seu deslocamento diferia por completo do movimento ordenado dos planetas e que a deflexão de Netuno e de sua órbita causava profunda preocupação.

O fenômeno tornava-se algo sem precedentes.

Poucas pessoas sem formação científica conseguem mensurar o imenso isolamento do sistema solar. O Sol, com seus planetas, sua poeira de planetóides e seus cometas impalpáveis, flutua em uma imensidão vazia que desafia a imaginação. Além da órbita de Netuno, estende-se um espaço deserto, tão longe quanto a observação humana consegue alcançar, privado de calor, luz ou som — um vazio absoluto ao longo de trinta trilhões de quilômetros. Essa é a menor estimativa da distância a ser percorrida antes que se alcance a estrela mais próxima. E, com exceção de alguns cometas mais insubstanciais que a chama mais tênue, nenhuma matéria jamais cruzara esse abismo espacial até que, no início do século XX, surgiu esse estranho andarilho. Tratava-se de uma vasta massa de matéria, volumosa e pesada, que irrompeu sem aviso do mistério negro do céu rumo ao brilho do Sol. No segundo dia, qualquer instrumento de boa qualidade já o avistava claramente como um ponto de diâmetro quase imperceptível, na constelação de Leão, perto de Régulo. Em pouco tempo, até mesmo um binóculo comum permitia vê-lo.

No terceiro dia do ano novo, os leitores de jornais de ambos os hemisférios receberam o alerta. Cientes, pela primeira vez, da real importância dessa aparição incomum nos céus, um periódico londrino estampou a manchete "Uma Colisão Planetária" e publicou a opinião de Duchaine de que esse astro intruso provavelmente colidiria com Netuno. Os editorialistas debruçaram-se sobre o assunto. Assim, na maioria das capitais do mundo, em 3 de janeiro, havia uma expectativa, ainda que vaga, de algum fenômeno iminente no firmamento; e, à medida que a noite sucedia o pôr do sol ao redor do globo, milhares de pessoas ergueram os olhos para o céu a fim de observar as velhas e familiares estrelas, exatamente como sempre foram.

Até que amanheceu em Londres, Pólux ocultou-se e os astros no firmamento empalideceram. Era a alvorada de inverno, um acúmulo doentio e filtrado de luz diurna; o brilho amarelo do gás e das velas reluzia nas janelas, a indicar onde as pessoas já se movimentavam. O policial, a bocejar, testemunhou a cena: as multidões agitadas nos mercados pararam boquiabertas; operários caminhavam pontualmente ao trabalho; leiteiros, condutores de carroças de jornais, boêmios que regressavam a casa, pálidos e exaustos; andarilhos sem-teto, sentinelas em suas rondas. No campo, os camponeses seguiam penosamente a caminho da lavoura e caçadores furtivos

batiam em retirada; por toda a região crepuscular que se intensificava, viam-se pessoas — e, no mar, os marinheiros atentos ao romper do dia —, quando, de repente, uma grande estrela branca surgiu no céu ocidental!

Era mais brilhante que qualquer astro em nossos céus, superior à estrela vespertina em seu máximo esplendor. Uma hora após o amanhecer, ainda resplandecia branca e imponente, não como um mero ponto de luz cintilante, mas como um pequeno disco redondo, nítido e radiante. Onde a ciência ainda não chegara, os homens olhavam fixamente, tomados de temor, a conversar sobre as guerras e pestes que tais sinais flamejantes pressagiavam nos céus. Bôeres robustos, hotentotes de pele escura, negros da Costa do Ouro, franceses, espanhóis, portugueses: todos, sob o calor do nascer do sol, observavam o ocaso daquela estranha e nova estrela.

Em uma centena de observatórios, houve uma excitação contida, que quase alcançou o tom de gritos, quando os dois corpos distantes colidiram; seguiu-se uma correria para reunir aparelhos fotográficos, espectroscópios e outros equipamentos, a fim de registrar aquela visão inédita e surpreendente: a destruição de um mundo. Pois era um mundo, um planeta irmão da Terra, muito maior que o nosso, que de forma tão súbita se transformara em uma morte flamejante. Netuno fora atingido, de modo claro e direto, pelo astro intruso vindo do espaço sideral, e o calor do impacto imediatamente transformou dois globos sólidos em uma vasta massa incandescente.

Naquele dia, duas horas antes do amanhecer, a pálida e grande estrela branca percorreu o mundo, a desvanecer-se apenas ao pôr do sol, quando este surgiu acima dela. Em todos os lugares, os homens se maravilharam com o fenômeno, mas, de todos os que a viram, ninguém se espantou mais do que os marinheiros. Observadores habituais dos astros, longe no mar, eles nada sabiam sobre o surgimento do corpo celeste e viram-no erguer-se como uma lua minúscula, subir ao zênite, pairar sobre suas cabeças e pôr-se a oeste com o passar da noite.

Quando a estrela surgiu novamente sobre a Europa, multidões aglomeravam-se nas encostas, nos telhados das casas e em espaços abertos, com os olhos fixos no leste, à espera do novo e grande astro. Ele despontou com um brilho branco, semelhante ao clarão de uma fogueira, e aqueles que o tinham visto na noite anterior exclamaram:

— É maior! — gritaram. — É mais brilhante!

De fato, a lua, em quarto minguante e a pôr-se no oeste, possuía um tamanho aparente incomparável, mas dificilmente toda a sua extensão brilhava tanto quanto o pequeno círculo da estranha nova estrela.

— Está mais claro! — clamavam as pessoas aglomeradas nas ruas.

Mas, nos observatórios escuros, os cientistas prenderam a respiração e entreolharam-se.

— Está mais perto — disseram. — Mais perto!

E voz após voz repetia:

— Está mais perto.

O telégrafo, com seu clique característico, captava a mensagem que vibrava pelos fios; em mil cidades, tipógrafos com as mãos sujas de tinta compunham os tipos: "Está mais perto". Homens que escreviam em seus escritórios, tomados por uma súbita percepção, largavam as canetas; em mil lugares, pessoas que conversavam vislumbraram de repente uma possibilidade grotesca naquelas palavras: "Está mais perto". A notícia espalhou-se pelas ruas que despertavam, foi gritada pelas ruelas congeladas de vilarejos tranquilos; homens que liam as novidades nas fitas dos telégrafos paravam às portas iluminadas pela luz amarela, a anunciar o fato aos transeuntes:

— Está mais perto.

Mulheres elegantes, coradas e reluzentes, ouviam a notícia em tom de brincadeira nos salões de baile e fingiam um interesse inteligente que não sentiam:

— Mais perto? De fato! Que curioso! Como as pessoas devem ser inteligentes para descobrir coisas assim!

Vagabundos solitários, a percorrer a noite invernial, murmuravam essas palavras para se confortarem, com os olhos voltados para o firmamento:

— Deve estar mais perto mesmo, pois a noite está fria como a caridade. Embora esteja mais perto, não parece trazer muito calor.

— O que me importa uma estrela nova? — exclamou a mulher em prantos, de joelhos ao lado do corpo de sua filha falecida.

O estudante, a levantar-se cedo para o exame, decifrou o enigma sozinho, enquanto a grande estrela branca brilhava forte através das flores de gelo em sua janela.

— Força centrífuga, força centrípeta — disse ele, com o queixo apoiado na mão. — Se um planeta parasse em sua trajetória e perdesse a força centrífuga, o que aconteceria? A força centrípeta o dominaria, e ele cairia em direção ao Sol! E isso significa... Será que estamos no caminho? Pergunto-me...

A luz daquele dia seguiu o mesmo curso que as demais e, com as vigílias tardias da escuridão gélida, a estranha estrela ressurgiu. Agora brilhava tanto que a lua parecia apenas um pálido fantasma amarelo de si mesma, enorme no pôr do sol. Numa cidade sul-africana, um homem poderoso havia se casado, e as ruas estavam iluminadas para saudar seu retorno com a noiva.

— Até os céus se iluminaram — disse o bajulador.

Sob o signo de Capricórnio, dois amantes negros, a desafiar as feras e os espíritos malignos por amor, agacharam-se juntos em um canavial onde pairavam os vaga-lumes.

— Esta é a nossa estrela — sussurraram, e sentiram-se estranhamente confortados pelo doce brilho de sua luz.

O mestre matemático estava sentado em seu gabinete particular e afastou os papéis. Seus cálculos estavam terminados. Em um pequeno frasco branco, restava um pouco do estimulante que o mantivera acordado e ativo por quatro longas noites. Todos os dias, sereno, lícido, paciente como sempre, ele ministrava as aulas aos alunos e, em seguida, retornava imediatamente àquele cálculo crucial. Seu rosto estava grave, um pouco abatido e tenso devido ao efeito da substância. Por algum tempo, pareceu perdido em pensamentos. Então, dirigiu-se à janela e a persiana subiu com um estalido. A meio caminho do céu, acima dos telhados, chaminés e torres da cidade, pairava a estrela.

Ele olhou para o astro como quem encara um inimigo corajoso.

— Você pode me matar — disse ele após um silêncio. — Mas eu posso prender você — e todo o universo, aliás — sob o domínio deste pequeno cérebro. Eu não mudaria de lugar com ninguém. Nem mesmo agora.

Olhou para o pequeno frasco.

— Não precisarei mais dormir — concluiu.

No dia seguinte, ao meio-dia em ponto, entrou no anfiteatro, colocou o chapéu na ponta da mesa, como era seu costume, e selecionou cuidadosamente um grande pedaço de giz. Era motivo de piada entre os estudantes que ele não conseguia dar aula sem aquele pedaço de giz para manusear; certa vez, ele ficara completamente impotente porque haviam escondido seu estoque. Aproximou-se e, a olhar por baixo das sobranceiras grisalhas, observou las fileiras de rostos jovens. Falou com sua habitual simplicidade estudada:

— Surgiram circunstâncias... circunstâncias além do meu controle — disse ele, com uma pausa —, que me impedirão de concluir o curso que havia planejado. Parece-me, senhores, para ser claro e conciso, que... o homem viveu em vão.

Os alunos trocaram olhares. Teriam ouvido direito? Estaria o professor louco? Houve sobranceiras arqueadas e sorrisos discretos, mas alguns rostos permaneceram fixos na fisionomia calma do mestre.

— Será interessante — continuou ele — dedicar esta manhã a uma exposição, na medida em que eu possa esclarecer para vocês, dos cálculos que me conduziram a esta conclusão. Suponhamos...

Ele virou-se para o quadro-negro, a desenhar um diagrama da maneira habitual.

— O que ele disse sobre "viver em vão"? — sussurrou um aluno.

— Escute — respondeu o outro, com um aceno na direção do professor.

E logo começaram a compreender.

Naquela noite, a estrela nasceu mais tarde, pois seu movimento próprio para o leste a havia deslocado consideravelmente. Atravessou a constelação de Leão em direção a Virgem, e seu brilho era tão intenso que o céu assumiu um azul luminoso à medida que ela subia; todas as estrelas se ocultaram, exceto Júpiter próximo ao zênite, Capela, Aldebarã, Sirius e as indicadoras da Ursa Maior. Era muito branca e bela. Em muitas partes do mundo, naquela noite, um halo pálido a circundava. Estava visivelmente maior; no céu claro e refrativo dos trópicos, parecia ter quase um quarto do tamanho da Lua. A geada ainda cobria o solo na Inglaterra, mas o mundo estava tão iluminado como se fosse o luar de um verão. Era possível ler textos comuns sob aquela luz fria e clara, e as lâmpadas das cidades queimavam com um amarelo pálido.

Todo o mundo permaneceu desperto naquela noite. Por toda a cristandade, um murmúrio sombrio pairava no ar gélido sobre os campos, como o zumbido das abelhas na urze, e esse tumulto crescia até se tornar um clamor nas cidades. Era o toque dos sinos em milhões de campanários e torres, a convocar o povo para que não mais dormisse nem pecasse, mas se reunisse nas igrejas para orar. No alto, a crescer e a brilhar cada vez mais à medida que a Terra girava e a noite passava, erguia-se a estrela deslumbrante.

As ruas e casas estavam iluminadas em todas as cidades; os estaleiros reluziam e todas as estradas que conduziam às terras altas permaneceram movimentadas a noite inteira. Em todos os mares ao redor das nações civilizadas, navios com motores pulsantes e embarcações com velas enfunadas, repletos de pessoas e animais, buscavam o oceano aberto rumo ao norte. O aviso do mestre matemático já fora telegrafado por todo o globo e traduzido para uma centena de línguas. O novo planeta e Netuno, presos em um abraço flamejante, giravam de forma vertiginosa, cada vez mais rápidos em direção ao Sol. A cada segundo, aquela massa incandescente percorria cento e sessenta quilômetros, e a cada segundo sua velocidade terrível aumentava. No trajeto atual, de fato, ela passaria a cento e sessenta milhões de quilômetros da Terra, sem quase afetá-la. Contudo, perto da trajetória predestinada, ainda sob ligeira perturbação, girava o poderoso planeta Júpiter com suas luas, a orbitar o Sol magnificamente. A cada instante, a atração entre a estrela flamejante e o maior dos planetas intensificava-se. O resultado dessa atração? Inevitavelmente, Júpiter seria desviado de sua órbita para uma trajetória elíptica, e a estrela em chamas, impulsionada por essa força para longe de seu rumo direto ao Sol, descreveria uma curva...

— ...talvez colida com a Terra e certamente passará muito perto dela. Terremotos, erupções vulcânicas, ciclones, ondas gigantes, inundações e um aumento constante da temperatura até um limite que desconheço — assim profetizou o mestre matemático.

Lá no alto, para cumprir suas palavras, solitária, fria e lívida, brilhava a estrela da desgraça iminente.

Para muitos que a contemplaram naquela noite até os olhos arderem, parecia que ela se aproximava a olhos vistos. E, naquela mesma noite, o tempo mudou; a geada que assolara toda a Europa Central, a França e a Inglaterra deu lugar ao degelo.

Não se deve imaginar, porém, que, pelo fato de haver pessoas em oração durante a noite, navios a singrar os mares e multidões em fuga para as montanhas, o mundo inteiro estivesse paralisado pelo terror. Na verdade, o hábito e o costume ainda imperavam e, exceto pelas conversas nos momentos de folga e pelo esplendor da noite, nove em cada dez pessoas continuavam ocupadas com seus afazeres habituais. Em todas as cidades, os comércios abriam e fechavam nos horários regulares; o médico e o agente funerário exerciam suas profissões; os operários reuniam-se nas fábricas; os soldados treinavam, os acadêmicos estudavam, os amantes se buscavam, os ladrões espreitavam e fugiam, os políticos tramavam seus planos. As rotativas dos jornais rugiam pelas noites, e muitos sacerdotes recusavam-se a abrir os templos para não alimentar o que consideravam um pânico insensato.

Os periódicos relembavam a lição do ano 1000 — pois, naquela época, as pessoas também haviam previsto o fim do mundo. A estrela não passava de um cometa, mero gás; e, mesmo que fosse um astro sólido, não poderia atingir a Terra, pois não havia precedente para tal catástrofe. O senso comum mostrava-se firme em todos os lugares, desdenhoso, jocoso, inclinado a ridicularizar os pessimistas. Naquela noite, às sete e quinze, pelo horário de Greenwich, a estrela estaria em seu ponto mais próximo de Júpiter. O mundo veria então o rumo que as coisas tomariam. Os avisos sombrios do mestre matemático foram tratados por muitos como mera busca por notoriedade. O bom senso, enfim, um pouco exausto da discussão, manifestou suas convicções inalteráveis e foi deitar-se. A barbárie e a selvageria, igualmente cansadas da novidade, seguiram com seus hábitos noturnos; salvo o uivo de um cão aqui e ali, o mundo animal ignorou a estrela.

Contudo, quando os observadores na Europa viram o astro surgir, uma hora mais tarde, é verdade, mas sem parecer maior do que na noite anterior, muitos ainda riram do matemático, a encarar o perigo como algo superado.

A partir daí, porém, o riso cessou. A estrela cresceu — cresceu com uma constância terrível, hora após hora, um pouco maior a cada momento, mais perto do zênite da meia-noite e cada vez mais brilhante, até transformar a noite em um segundo dia. Se tivesse vindo diretamente rumo à Terra, in vez de descrever uma trajetória curva, se não tivesse perdido velocidade devido a Júpiter, teria transposto o abismo intermediário em um único dia; contudo, levou cinco dias ao todo para alcançar o nosso planeta. Na noite seguinte, antes de se ocultar aos olhos dos ingleses, assumira um terço do tamanho da Lua, e o degelo tornou-se generalizado. Surgiu sobre a América quase do tamanho do satélite terrestre, com um branco ofuscante e ardente; uma lufada de vento quente soprava agora com força crescente. Na Virgínia, no Brasil e ao longo do vale do rio São Lourenço, a estrela brilhou de forma intermitente através de uma forte tempestade de nuvens carregadas,

relâmpagos violetas e uma queda de granizo sem precedentes. Em Manitoba, houve degelo e inundações devastadoras.

Sobre todas as montanhas da Terra, a neve e o gelo começaram a derreter naquela noite; todos os rios que desciam das terras altas corriam caudalosos e turvos, logo carregados — em seus trechos superiores — de árvores arrancadas e corpos de animais e de homens. As águas subiram firme e incessantemente, sob um brilho fantasmagórico, até que transbordaram as margens, a perseguir as populações que fugiam dos vales.

Ao longo da costa da Argentina e pelo Atlântico Sul, as marés atingiram níveis nunca antes registrados pela memória humana; as tempestades empurraram as águas dezenas de quilômetros para o interior, a inundar cidades inteiras. O calor noturno tornou-se tão intenso que o nascer do sol assemelhava-se ao surgimento de uma sombra. Os terremotos começaram e intensificaram-se por toda a América, do Círculo Polar Ártico ao Cabo Horn; encostas deslizaram, fissuras abriram-se e casas e muros desmoronaram. Toda a vertente do Cotopaxi ruiu em uma vasta convulsão; um rio de lava jorrou tão alto, amplo e líquido que, em um único dia, alcançou o mar.

Assim, a estrela, com a lua minguante em seu encalço, marchou pelo Pacífico, a arrastar as tempestades como a cauda de uma túnica; a onda gigante que a seguia, espumante e impetuosa, invadiu ilha após ilha e varreu os vestígios humanos. Até que essa parede de água finalmente chegou à costa da Ásia — sob uma luz ofuscante e com o hálito de uma fornalha, rápida e terrível —, com quinze metros de altura, a rugir vorazmente sobre o litoral, para avançar pelo interior das planícies da China. Por um instante, a estrela, agora mais quente, maior e mais brilhante que o próprio sol em sua intensidade, expôs com brilho impiedoso o vasto e populoso país: cidades e vilarejos com seus pagodes e árvores, estradas, amplos campos cultivados e milhões de pessoas sem dormir, a olhar em terror impotente para o céu incandescente; então, baixo e crescente, veio o clamor da enchente. Assim foi para milhões de homens naquela noite: uma fuga sem destino, com os membros pesados pelo calor, a respiração curta e escassa, e a inundação como uma parede rápida e branca às costas. E depois, a morte.

A China brilhava em um branco intenso, mas sobre o Japão, Java e todas as ilhas do leste asiático, a grande estrela parecia uma bola de fogo vermelho e opaco devido ao vapor, à fumaça e às cinzas que os vulcões expeliam em saudação à sua chegada. No alto, lava, gases quentes e cinzas; abaixo, torrentes fervilhantes; toda a Terra oscilava e tremia com os abalos sísmicos. Logo, as neves ancestrais do Tibete e do Himalaia derreteram e começaram a descer; dez milhões de rios correram, a aprofundar-se e a convergir para as planícies da Birmânia e da Índia. Os cumes emaranhados das selvas indianas ardiam em chamas em milhares de lugares; abaixo das águas impetuosas, ao redor dos troncos, objetos escuros ainda se debatiam debilmente, a refletir as línguas de fogo vermelho-sangue. Em meio à confusão, uma multidão de homens e mulheres fugia pelos amplos cursos d'água em busca da última esperança da humanidade: o mar aberto.

A estrela crescia cada vez mais, a tornar-se maior, mais quente e mais brilhante com uma rapidez terrível. O oceano tropical perdera sua fosforescência; o vapor subia em espirais

fantasmagóricas das ondas negras que mergulhavam incessantemente, salpicadas de navios sacudidos pela tempestade.

Aconteceu então um prodígio. Para aqueles que na Europa aguardavam o nascer da estrela, parecia que o mundo havia parado de girar. Em milhares de espaços abertos, entre colinas e vales, as pessoas que haviam fugido das enchentes, dos desabamentos e dos deslizamentos de terra esperavam em vão pelo surgimento do astro. Hora após hora, em terrível suspense, a estrela não surgiu. Mais uma vez, os homens voltaram os olhos para as antigas constelações que julgavam perdidas para sempre. Na Inglaterra, o céu estava quente e limpo, embora a terra tremesse perpetuamente; nos trópicos, Sirius, Capela e Aldebarã brilhavam através de um véu de vapor. Quando finalmente a grande estrela surgiu, com quase dez horas de atraso, o sol nasceu bem próximo a ela, e no centro de seu núcleo branco havia um disco negro.

Sobre a Ásia, a estrela começara a ocultar-se atrás do movimento do céu; então, subitamente, enquanto pairava sobre a Índia, sua luz foi velada. Toda a planície indiana, da foz do Indo à foz do Ganges, era um deserto raso de água brilhante naquela noite, do qual despontavam templos, palácios e colinas repletos de gente. Cada minarete era uma massa aglomerada de pessoas, que caíam uma a uma nas águas turvas, dominadas pelo calor e pelo terror. Toda a terra parecia lamentar quando, de repente, uma sombra varreu aquela fornalha de desespero; seguiu-se uma lufada de vento frio e uma nuvem adensou-se no ar que resfriava. Os homens, a olhar para cima, quase cegos pela intensidade do astro, viram que um disco negro rastejava sobre a luz. Era a lua, a interpor-se entre a estrela e a Terra. E no instante em que os homens clamavam a Deus por esse alívio, do leste, com uma rapidez estranha e inexplicável, surgiu o sol. Então, estrela, sol e lua cruzaram os céus juntos.

Assim, naquele instante, para os observadores europeus, a estrela e o sol surgiram próximos um do outro, avançaram impetuosamente por um tempo e depois perderam velocidade, até que finalmente pararam e fundiram-se em um único clarão flamejante no zênite. A lua já não eclipsava a estrela, mas perdia-se na luminosidade celeste. E embora a maioria dos sobreviventes observasse o fenômeno com a letargia típica da fome, do cansaço, do calor e do desespero, ainda havia homens capazes de perceber o significado daqueles sinais. A estrela e a Terra haviam estado em seu ponto de maior proximidade, girado uma em torno da outra, e a estrela passara. Ela já se afastava, cada vez mais veloz, na última etapa de sua jornada impetuosa em direção ao Sol.

E então as nuvens uniram-se, a obscurecer a visão do céu; o trovão e o relâmpago teceram uma veste ao redor do mundo. Por toda a Terra caiu uma chuva torrencial como os homens jamais haviam testemunhado; onde os vulcões flamejavam vermelhos contra o dossel de nuvens, desciam torrentes de lama. Por toda parte, as águas escoavam, a deixar ruínas cobertas de lodo e o solo forrado — como uma praia devastada pela tempestade — com tudo o que flutuara, além dos corpos sem vida de homens e de feras, suas crias.

Durante dias, a água jorrou da terra, a arrastar solo, árvores e casas pelo caminho, a formar enormes diques e a escavar ravinas titânicas pela paisagem. Foram os dias de escuridão que se

seguiram à estrela e ao calor. Durante todo esse período, e por muitas semanas e meses, os terremotos continuaram.

Mas a estrela passara. Os homens, impulsionados pela fome e a reunir coragem bem devagar, puderam voltar rastejando para suas cidades em ruínas, celeiros soterrados e campos encharcados. Os poucos navios que escaparam das tempestades daquela época chegavam avariados e despedaçados, a navegar com cautela pelas novas marcações e bancos de areia de portos outrora familiares. À medida que as tormentas diminuía, os sobreviventes percebiam que, em todos os lugares, os dias eram mais quentes do que antes, o sol parecia maior, e a lua, reduzida a um terço de seu tamanho anterior, levava agora oitenta dias entre uma lua nova e outra.

Da nova irmandade que logo se formou entre os homens, da preservação das leis, dos livros e das máquinas, da estranha mudança que ocorrera na Islândia, na Groenlândia e nas margens da Baía de Baffin — de modo que os marinheiros ali aportavam e logo as encontravam verdes e acolhedoras, a ponto de mal acreditarem no que viam —, sobre isto a história nada narra. Tampouco menciona a migração da humanidade em direção aos polos, para o norte e para o sul, agora que a Terra estava mais quente. Esta crônica ocupa-se apenas da vinda e da passagem da Estrela.

Os astrônomos marcianos — pois existem astrônomos em Marte, embora sejam seres muito diferentes dos humanos — estavam, naturalmente, muito interessados por esses acontecimentos. Eles os viam de seu próprio ponto de vista, decerto. "Considerando a massa e a temperatura do projétil lançado através do nosso sistema solar em direção ao Sol", escreveu um deles, "é surpreendente o pouco dano sofrido pela Terra, que passou tão perto do alvo. Todas as marcas continentais familiares e as massas dos mares permanecem intactas; de fato, a única diferença visível parece ser uma redução na descoloração branca (supostamente água congelada) ao redor de cada polo." O que apenas demonstra quão pequenas podem parecer as maiores catástrofes humanas, quando observadas a uma distância de alguns milhões de quilômetros.